

Lula recusa patrulha

Luiz Inácio Lula da Silva não está escondendo de ninguém que entra na campanha pela disputa da presidência da República muito angustiado. Lula tem várias fontes de angústia, entre as quais se inclui a esquerda – ou a ala sectária – de seu próprio partido, que, a despeito de suas razões para não concorrer uma terceira vez e do desejo de muita gente no PT em produzir uma nova liderança nacional a fim de renovar os ares por lá, forçou a mão para que ele aceitasse disputar.

Agora é essa mesma esquerda quem mais vem confrontando as posições de Lula, que desde o ano passado repete que aceita ser candidato desde que dentro de uma aliança política o mais ampla possível. Pois bem. No encontro nacional do partido em agosto do ano passado, os moderados perderam no que se refere à candidatura – já que a militância fechou com a esquerda e não admitiu nem que se discutisse a hipótese de pré-vias para escolher outro candidato. Em compensação, os *xiitas* tiveram de aceitar a tese da política de alianças ampla.

Pois bem. Só que agora estão inconformados com os limites dessa amplitude e há dias não fazem outra coisa a não ser explicitar publicamente essa insatisfação. Criam dificuldades para o fechamento de acordos regionais – o lançamento da candidatura de Vladimir Palmeira ao governo do Rio é um exemplo que atrapalha enormemente a aliança com o PDT –, revoltam-se com a presença de gente como Antônio Ermírio de Moraes e José Serra em debates promovidos pelo partido e atacam abertamente declarações de Lula como a que o candidato fez dizendo que não recusaria o apoio de Orestes Quércia.

A coisa chegou ao ponto máximo quando Válder Pomar, da direção nacional, disse nos jornais que “só se faz besteira na campanha de Lula”.

Ou seja, além de um adversário poderoso como Fernando Henrique Cardoso, Lula ainda tem de enfrentar suas próprias

dificuldades emocionais de embarcar num projeto pessoalmente insatisfatório e assistir aos companheiros de empreitada puxarem para baixo o que já está suficientemente mal das pernas.

“Não vou repetir o erro de 89, quando disse que não aceitava o apoio de Ulysses Guimarães.”

Lula

No último sábado, em São Paulo, Lula mostrou na reunião do diretório nacional que não está disposto a agüentar esse tipo de embate e que não admitirá a patrulha interna. Reforçado pela posição do presidente do partido, José Dirceu – que pensa o mesmo –, Lula deu uma chamada ampla, geral e irrestrita na esquerda.

“Muita gente fala besteira. Quem mais fala com a imprensa, como as lideranças, tem ainda mais chance de falar bobagem, isso é normal. O que não é normal é a gente ficar sabendo que alguém do partido não concordou pelos jornais do dia seguinte. Quem quiser fazer a crítica venha a mim, venha à direção, que nunca se recusou a fazer nenhum tipo de debate”, disse ele.

Lula foi mais duro, no entanto, com aqueles que não aceitaram os convites a Serra e Ermírio para participar de um debate sobre o programa de governo do partido e que também atacaram suas declarações sobre Orestes Quércia.

“Aqui nesta sala duvido que exista alguém mais petista do que eu ou alguém que tenha mais motivos para desconfiar do Quércia do que eu. Portanto, não aceito que haja desconfianças com relação a mim e também não é justo que queiram limitar minha liberdade para articular a aliança que considero necessária para sustentar a candidatura.”

O candidato foi definitivo: “Não me peçam para repetir o erro de 1989, quando eu disse que não aceitava o apoio nem o voto de Ulysses Guimarães.”

Lula foi claríssimo ao explicar que não admitirá que lhe digam quem ele deve ou não procurar, com quem pode ou não falar. Se antes dizia que seria candidato apenas sob a condição de concorrer em aliança, hoje está dizendo que é candidato e que ninguém tem o direito de tentar impedi-lo de fazer essa aliança. Até porque foi a política aprovada no último encontro nacional do partido.

De acordo com o relato de quem participou da reunião do diretório na sexta-feira e no sábado, não está em discussão a hipótese de Lula vir a renunciar à candidatura até porque agora é tarde para arrumar um outro nome e é impensável a possibilidade de o PT não vir a ter candidato nessa eleição. O resultado seria mais desastroso que a derrota, cujas favas estão mais do que contadas.

O que está em jogo agora é justamente a amplitude dessa aliança. Enquanto a esquerda continua querendo marcar a mesma posição de sempre, Lula quer fazer uma campanha de centro-esquerda e por isso considera fundamental ter ao seu lado o PSB (que dialoga com setores da sociedade que o PT não dialoga), os dissidentes do PSDB, do PMDB e o PDT inteiro, nem que para isso seja preciso pagar um preço reconhecidamente caro, que é a candidatura de Leonel Brizola a vice.

Não foi por outro motivo que convidou Serra e Ermírio e que amanhã vai prestar reverência a Itamar Franco em Juiz de Fora. São símbolos através dos quais ele busca dar sinais de abertura à sociedade, baixar seus índices de rejeição que oscilam entre 30% e 35% contra 25% de aprovação e evitar terrorismos como o produzido por Mário Amato em 1989, que ameaçava uma fuga de empresários se Lula ganhasse.

Esse confronto aberto com o sectarismo é sinal de que Lula está mesmo disposto a manter a candidatura. Mas, embora seja altamente improvável, não se pode deixar de lado a hipótese de que o conflito acabe por abrir caminho à renúncia.